

OITICICA, Francisco de Paula Leite e

*const. 1891; dep. fed. AL 1891-1893; sen. AL 1894-1900.

Francisco de Paula Leite e Oiticica nasceu no engenho Mundaú, em Santa Luzia do Norte (AL), no dia 2 de abril de 1853, filho de Manuel Rodrigues Leite e Oiticica e de Francisca Hermínia do Rego Leite e Oiticica.

Diplomado pela Faculdade de Direito do Recife em 1872, com 19 anos, regressou a Alagoas e tornou-se promotor público da comarca de Anadia. Foi também deputado provincial na legislatura 1874-1875. Passou em seguida um período em Oliveira (MG) como juiz municipal, mas regressou a Maceió em 1884. Nomeado chefe de polícia interino pelo presidente da província José Moreira Alves da Silva (1886-1887), lançou campanha pela criação de um asilo para os loucos, que até então eram recolhidos em condições desumanas à cadeia pública. O asilo foi inaugurado em 27 de março de 1887 sob sua direção, e em seguida começaram os esforços para a construção de um prédio próprio. O Asilo Santa Leopoldina seria inaugurado em 10 de fevereiro de 1889.

Proclamada a República, foi mais uma vez nomeado chefe de polícia de Alagoas, no governo de Pedro Paulino da Fonseca (1889-1890). Em 15 de setembro de 1890 foi eleito deputado por Alagoas ao Congresso Nacional Constituinte, e tomou posse em 15 de novembro. Após a promulgação da Constituição, em 24 de fevereiro de 1891, passou, em junho, a ocupar uma cadeira na Câmara dos Deputados, com mandato até dezembro de 1893. Eleito senador na vaga de na vaga de Floriano Peixoto, que em novembro de 1893 assumiu a presidência da República, exerceu o mandato de maio de 1894 até janeiro de 1900 e participou da Comissão de Finanças do Senado. Quando, em 1906, tentou-se eleger J. J. Seabra senador por Alagoas, rebelou-se contra essa candidatura e apresentou a sua própria, mas o resultado final foi a anulação do pleito.

Membro fundador da Academia Alagoana de Letras, foi o primeiro ocupante da cadeira 38. Foi também sócio do Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas, e presidente da instituição de 8 de dezembro de 1922 até falecer, e membro da Sociedade Alagoana de

Agricultura. Foi professor catedrático de alemão no Liceu Alagoano e professor no Liceu de Artes e Ofícios, no Rio de Janeiro.

Faleceu no Rio de Janeiro no dia 15 de julho de 1927.

Escreveu nos jornais *O Rebate*, *Diário da Manhã*, *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, e *Correio de Maceió*. Além de numerosos artigos na *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas*, publicou, entre outros trabalhos, *D. Clara Camarão* (drama, 1877); *Pai*, (s.d., drama); *Discurso pronunciado na sessão comemorativa da emancipação política de Alagoas, em 16/9/1898* (1898); *Manifesto político dirigido aos eleitores do estado de Alagoas para a eleição de um senador da República, a realizar-se em 1º de setembro de 1906* (1906); *A situação financeira (males e remédios)* (1923); ‘A arte da renda do Nordeste’ (*Livro do Nordeste*, comemorativo do primeiro centenário do *Diário de Pernambuco*, 1925); *Messias de Gusmão* (discurso pronunciado na Academia Alagoana de Letras sobre o patrono de sua cadeira, na sessão solene de 7/9/1925, 1926).

Reynaldo de Barros

FONTES: BARROS, F. *A B C das Alagoas*; CÂM. DEP. *Deputados brasileiros*; LEITE NETO, L. *Catálogo biográfico* (v.2, p.887/8).